



INFORMATIVO

O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

520 anos do Descobrimento do Brasil - 440 anos da União das Coroas Ibéricas - 270 anos do Tratado de Madri - 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II - 150 anos do final da Guerra do Paraguai - 90 anos da Revolução de 1930 - 75 anos da vitória da FEB na Itália

ANO 2020

Julho

Nº 352

Francisco Xavier da Veiga Cabral – o Cabralzinho

Por Hiram Reis e Silva (*), Bagé, 09.07.2020

Um Brasileiro não se Rende a Bandidos!

O "Diário de Notícias" do Pará, nas edições nº 127, 128, 129 e 130 de 07, 08, 09 e 11.06.1895, respectivamente, publicou, na sua primeira página, sob o título "Hecatombe de Brasileiros" um histórico da invasão francesa e a relação das vítimas do cruel atentado perpetrado pelos celerados gauleses no Amapá, especificando nomes, idade e como foram trucidados. A sanha homicida destes bárbaros assassinos não poupou nem mesmo aleijados, mulheres e crianças que foram massacradas ainda no colo de suas mães. A sádica invasão francesa ao Amapá, no dia 15.05.1895, ganhou notoriedade internacional, precipitando uma solução definitiva para dar um paradeiro nas insustentáveis pretensões francesas. Finalmente, Walther Hauser, o Presidente da Confederação Suíça, decidiu, no dia 01.12.1900, dar ganho de causa ao Brasil. Cabralzinho, considerado hoje como um de nossos heróis nacionais, foi homenageado pelo Exército Brasileiro com a patente de "General Honorário" e pelos seus Ir.: Maçons com um monumento na cidade de Amapá.

Francisco Xavier da Veiga Cabral



Jornal do Commercio, nº 116 – Manaus, AM - Domingo, 15.05.1904



Veiga Cabral



Francisco Xavier da Veiga Cabral, nasceu a 05.05.1861 na capital da antiga província do Pará, sendo seus pais o Major Rodrigo da Veiga Cabral e D. Maria Cândida da Costa Cabral, aquele descendente de portugueses e esta de alemães. Muito moço ainda entrou para a vida comercial em que se demorou pouco

tempo e militando nas fileiras liberais do império foi, na última situação desse partido nomeado coletor das décimas ⁽¹⁾ urbanas de Belém.

Com o advento da República deixou esse cargo que foi extinto e, ao ser novamente restabelecido, não quis Cabral prestar-se a desempenhá-lo, por já estar em franca oposição ao domínio político de sua terra, trabalhando ao lado de Américo Santa Rosa, Vicente Miranda, Felipe Lima, José Joaquim de Gama e Silva, Demétrio Bezerra e outros. Era congressista do partido como já o tinha sido no antigo regime, representando a Paróquia de Sant'Anna, da capital do Pará. Havia-se dedicado de novo aos seus labores comerciais, apesar de sua ostensiva posição de político intransigente em oposição ao governo republicano do Pará.

Deram-lhe nome, ainda jovem, as cabalas ⁽²⁾ eleitorais de que o encarregara o Partido Liberal, no Império. O jovem representava a confiança do Partido e foi assim que o achou a República, em que ainda não teve o seu momento de domínio.

Aí, por 1894, chegara ao Pará Desidério Antônio Coelho, a mando de um caboclo de nome Daniel, vindo de Calçoene. O emissário tinha ido atrás de recursos com que enfrentar as depredações francesas no Contestado. Procurou Cabral e este insinuando-lhe os meios de defesa, deu-lhe os primeiros socorros e auxílios prometendo ir até ao Amapá para obedecer o chamado de seus patrícios.

Passava-se isto em maio. Em novembro partiu e chegando ao Amapá fez parte do Triunvirato governamental de que eram membros também os Srs. Dr. Gonçalves Tocantins e Cônego Domingos Maltez.

Achou Cabral a população do lugar dividida em dois grupos: um favorável aos franceses, outro contrário. Tratou de harmonizá-los e, em meio de seus trabalhos, Trajano de tal, que fora escravo no Brasil e fugira para o Território, onde estava feito Capitão pelos franceses e chefe do grupo que lhes era simpático, mandou desafiá-lo, pois possuía 500 homens para combate. Cabral enviou 18 pessoas que trouxeram preso Trajano e seus mais conhecidos companheiros. Trajano conduziu consigo o pavilhão francês de cuja posse ficou Cabral. Depois, na residência deste, Trajano, ao inquirir Cabral se resolvia adotar a defesa dos brasileiros ou ficar ao lado dos franceses, abraçou a nossa bandeira fazendo protesto de fidelidade ao Brasil. [...]

Veiga Cabral é casado com a Exm^a Sr^a D. Altamira Valdomira Vinagre Cabral, descendente do chefe Vinagre, da revolução de 35. É uma senhora virtuosa e distinta. Possui 4 filhos: Victor Tibúrcio da Veiga Cabral, senhorita Maria da Conceição de Jesus Cabral, distinta jovem diplomada pela Escola Normal do Pará e atualmente na Europa onde tem feito notáveis progressos em pintura e as interessantes meninas Valdomira e Altamira Cândida da Veiga Cabral.

O herói do Amapá desempenha hoje as funções de despachante da Alfândega de Belém, achando-se licenciado por um ano. Na sua terra são reais e grandes a sua influência e prestígio políticos, ao lado de Lauro Sodré de quem é devotado e incansável amigo. (JDC, N° 116)



Diário de Notícias, n° 121 – Belém, PA - Sexta-feira, 31.05.1895



As Ocorrências do Amapá



Uma canoa chegada ontem trouxe as notícias que adiante damos a nossos leitores. Devemos dizer que tudo vai como narra pessoa vinda na dita canoa, reportando-nos a suas próprias palavras. E, como verão os leitores, é-nos grato ter por essa via a confirmação plena de nosso juízo:

¹ Décimas: tributo em que se paga a décima parte ao Estado.

² Cabalas: tramas.

-Cabral foi agredido, tudo quanto fez foi em defesa.
Eis o que diz a dita pessoa:



No dia 15 do corrente, às 9 horas do dia, esperava o Governador do Amapá, cidadão Francisco Xavier da Veiga Cabral o vapor que seguira deste porto, quando foi avisado de que aproximava-se da Vila uma lancha armada em guerra, comboiando grande número de escaleres em que vinham soldados e marinheiros, franceses, em número de 400 mais ou menos. Imediatamente mandou içar no porto a bandeira de quarentena e na casa de sua residência e escola do sexo masculino o pavilhão brasileiro.

Em seguida enviou uma comissão a bordo, pedindo que aguardasse a sua chegada, pois iria receber os recém-vindos. Desatendida a comissão, de bordo começaram a dar desembarque inopinadamente, formando a força, ao chegar a terra, em linha de combate.



A entrada do Rio havia ficado o aviso de guerra francês Bengali. Abaixo da vila, no lugar denominado Cemitério, também já havia desembarcado numerosa força, comandada por oficiais para dar cerco pela retaguarda.

Desembarcada a força na frente da vila e posta em ordem de ataque, o comandante Capitão Lunier, que também era o comandante da Bengali, acompanhado de 19 praças armadas de baioneta calada, um Sargento e 1 corneta dirigiu-se à procura do cidadão Veiga Cabral, declarando aos que encontrava que não ia fazer nada, e sim entender-se com o Governador. Alguns compatriotas nossos, confiantes da boa intenção do Capitão Lunier conduziram-no à residência do cidadão Veiga Cabral. Este já vinha ao encontro do oficial, completamente desprevenido.

O Capitão Lunier perguntou-lhe se ele Veiga Cabral é que era o Governador do Amapá, ao que foi lhe respondido afirmativamente. A pergunta foi repetida três vezes, sendo-lhe dada a mesma resposta. Em seguida o Capitão Lunier puxa de um revólver e apontando-o para Veiga Cabral, dá-lhe voz de prisão, intimando-o a entregar-se.

Veiga Cabral responde-lhe que – **“um brasileiro morre mas não ser entrega”**, e atirando-se ao Capitão toma-lhe o revólver.

A esse tempo haviam chegado 45 cidadãos brasileiros armados de rifles. O oficial dá voz de fogo e duas descargas partem ao mesmo tempo. O Capitão Lunier cai gravemente ferido, morrendo momentos depois. A força francesa é levada em debandada até próximo do lugar onde se achava o grosso de suas forças. Ir adiante seria unia imprudência. Veiga Cabral recuou com os seus companheiros, aos quais acabavam de se juntar mais 8, armados de espingardas de cartucho e entrincheirou-se em uma casa.

Duas horas depois de vivo fogo teve que fazer nova retirada e internar-se na mata. Às 2 horas da tarde, chegando um reforço de homens armados para Veiga Cabral este fez nova entrada na vila.

Persuadida a força francesa de que a força brasileira era numerosa, abandonou as posições e tratou de embarcar levando como prisioneiros os cidadãos João Lopes, professor; Marciano Beviláqua, Manoel Branco e um outro cidadão cujo nome ignoramos, e um barco que se achava no porto. Na precipitação da fuga deixou abandonado algum armamento e munição.



Durante as poucas horas que os franceses estiveram na vila, arrombaram as portas das casas invadindo-as e disparando tiros. É assim que foram assassinadas 33 pessoas, sendo 18 homens, que não estiveram na luta e 15 mulheres e crianças, além de outras feridas grave e levemente. Das pessoas mortas, apenas duas são conhecidas nesta capital; o prático Pedro Emílio Chaves e João de Deus, residente no Capim; os mais são naturais do Amapá. Atearam fogo em 17 casas.



Na luta não houve mortos, do lado dos brasileiros; 5 ferimentos apenas, sendo três gravemente, Epifânio da Luz e seu irmão e Desidério Coelho e dois levemente, cujos nomes ignoramos. Da força francesa morreram logo no começo da luta 1 Capitão, 1 Sargento e 12 soldados. Durante a luta morreu muito maior número, inclusive outro Capitão, sendo ainda maior o de feridos.



Os fazendeiros de gado e comerciantes do Amapá, depois da luta, franquearam as suas fazendas e casas de negócio a Cabral e às pessoas que ficaram sem recursos.



Onosso informante declarou-nos peremptoriamente ser falsa a prisão de franceses por brasileiros. Há um mês mais ou menos foi uma expedição francesa ao Amapá e balizou o Rio. Não é a primeira vez que se dão ataques de franceses a brasileiros no Amapá, devastando a Colônia dos nossos compatriotas, quando tende a aumentar.

Deplorando este desgraçado incidente, que vem complicar a solução de uma questão em que nos assiste todo direito, esperamos, contudo que se possam reatar as negociações diplomáticas para uma arbitragem. Nem a França nem o Brasil se deixarão cegar por tal casualidade. Na hipótese de excessos por cidadãos de qualquer dos dois países, a Nação não pôde ser responsabilizada.

Esperamos pois que tanto o povo francês como seu governo, cientificando-se da verdade, continuarão a manter conosco as amigáveis relações de antes. (DDN, nº 121)

Bibliografia:

DDN, Nº 121. **As Ocorrências do Amapá** – Belém, PA – *Diário de Notícias*, nº 121, 31.05.1895

JDC, Nº 116. **Veiga Cabral** – *Brasil – Manaus, AM – Jornal do Commercio*, nº 116, 15.05.1904.

(*) *Hiram Reis e Silva é Canoeiro, Coronel de Engenharia, Analista de Sistemas, Professor, Palestrante, Historiador, Escritor e Colunista;*

- *Campeão do II Circuito de Canoagem do Mato Grosso do Sul (1989)*
- *Ex-Professor do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA);*
- *Ex-Pesquisador do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX);*
- *Ex-Presidente do Instituto dos Docentes do Magistério Militar – RS (IDMM – RS);*
- *Ex-Membro do 4º Grupamento de Engenharia do Comando Militar do Sul (CMS)*
- *Presidente da Sociedade de Amigos da Amazônia Brasileira (SAMBRAS);*
- *Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – RS (AHIMTB – RS);*
- *Membro do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS – RS);*
- *Membro da Academia de Letras do Estado de Rondônia (ACLER – RO)*
- *Membro da Academia Vilhenense de Letras (AVL – RO);*
- *Comendador da Academia Maçônica de Letras do Rio Grande do Sul (AMLETS)*
- *Colaborador Emérito da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG).*
- *Colaborador Emérito da Liga de Defesa Nacional (LDN).*
- *E-mail: hiramrsilva@gmail.com.*

EM IMAGENS: A QUEDA DA BASTILHA

Em 14 de julho de 1789, o símbolo do absolutismo foi invadido porque o povo queria munição

MARIA CAROLINA CRISTIANINI

aventurasnahistoria.uol.com.br



A Queda da Bastilha, por Jean-Pierre Houël - Wikimedia Commons

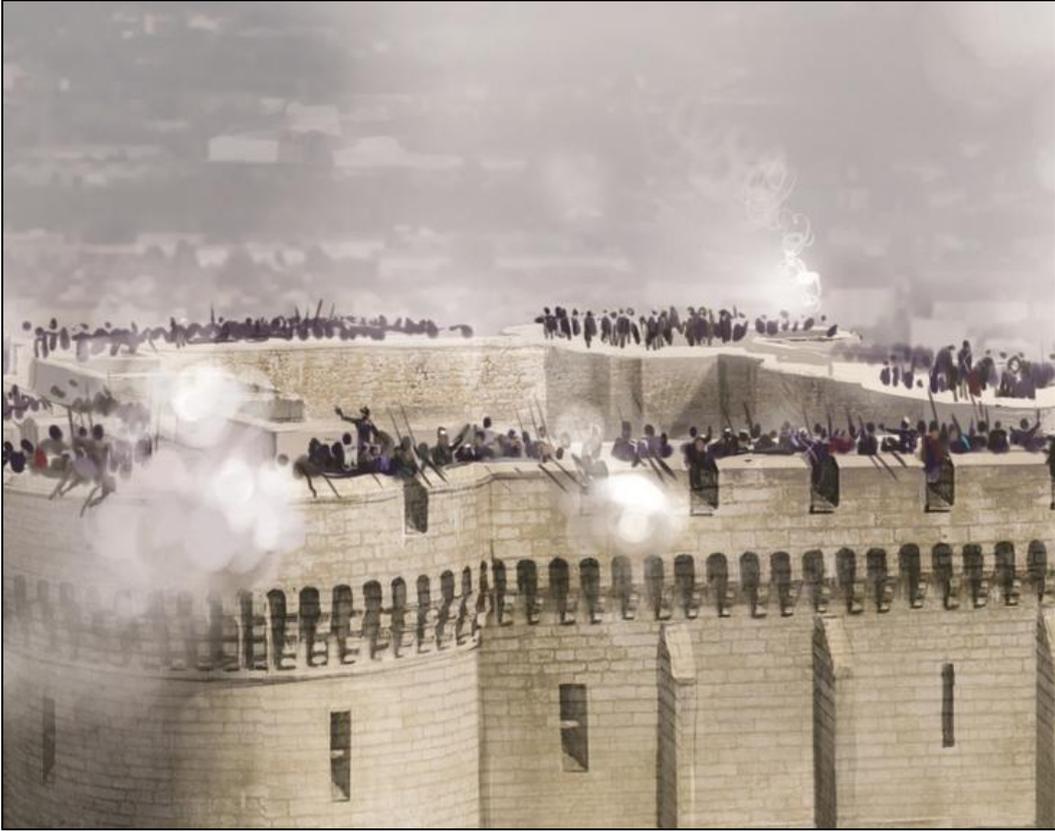
A Idade Contemporânea começou às 17h de 14 de julho de 1789. Nesse horário, a prisão que simbolizava a monarquia em Paris foi ocupada pelo povo, que assim dava início à Revolução Francesa. Mas as pessoas que queriam tomar o local não pensaram nisso. Elas só queriam munição.

Erguida em 1370, a Bastilha era uma fortaleza militar. No século 17, o local se firmou como cadeia. "Suas masmorras recebiam prisioneiros do rei", diz o historiador André Joanilho, da Universidade Estadual de Londrina. Assim ficou até 1789, ano em que a França beirava o caos. Enquanto a desigualdade imperava, o governo esbanjava nos gastos e deixava 25 milhões de pessoas insatisfeitas.

Sob pressão, o rei Luís XVI (1754-1793) reuniu em maio os Estados Gerais a fim de buscar saídas para o colapso financeiro. Percebendo que os privilégios seriam mantidos, a burguesia fundou sua própria Assembleia Nacional. Mas boatos de que o rei pretendia dissolvê-la geraram uma onda de saques, que culminaram na tomada da fortificação.

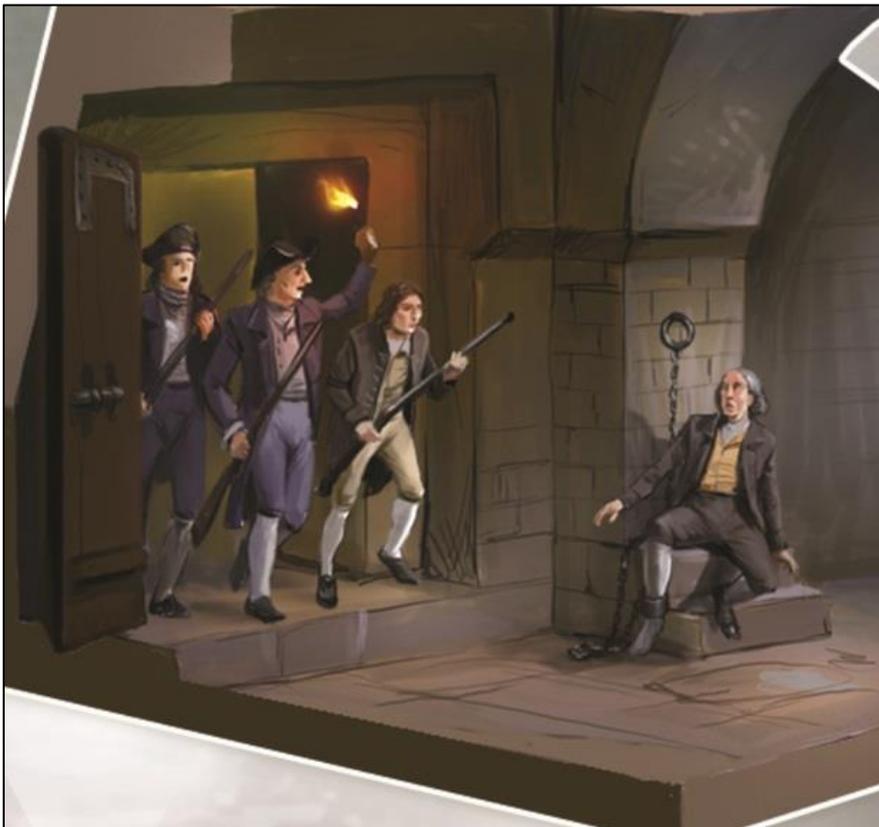
Confira os detalhes do episódio:

Muralhas rochosas



Feita de pedra, a Bastilha tinha oito torres e paredes de 2,75 metros de espessura. Para entrar, era preciso vencer duas pontes-levadiças, pois ao redor do castelo havia um fosso de mais de 25 metros de largura, por onde passava água do rio Sena.

Loucos e falsários



Por ano, a fortaleza recebia em média 40 presos. No dia da tomada, havia sete: um nobre, dois loucos e quatro falsários. Também estavam lá 82 suboficiais, o diretor do local, o marquês de Launay, e 32 guardas suíços. Para a defesa, eles contavam com 15 canhões e 12 fuzis.

Vida de presidiário



Para lá iam pessoas a mando do rei, sem julgamento nem sentença. O tratamento aos presos era imprevisível: existem relatos de celas onde só se ficava em pé, mas também de quartos com camas e cadeiras. Um dos detidos, o marquês de Sade (1740-1814), tinha esses privilégios.

Conversa vai...



Em 12 de julho de 1789, o diretor das finanças real é demitido. Em reação, 50 mil homens roubam armas pela cidade. Em 14 de julho, marceneiros, sapateiros e alfaiates vão à Bastilha por munição. Às 10h30, começam a negociar com o diretor, o marquês Launay, que convida os líderes para almoçar.

Irritação crescente



Ao longo do dia, o povo começa a se agitar. Alguns, mais exaltados, cortam a golpes de machado as correntes das portas exteriores. Ninguém sabe de onde vem o primeiro tiro, mas ele é o estopim de um conflito armado entre a população e os soldados da fortaleza.

A queda



As 17h, o diretor se rende e a segunda ponte-levadiça é baixada. Liderado por 800 manifestantes, o povo invade o castelo, pega a munição e liberta os prisioneiros. Launay é decapitado e sua cabeça desfila pelas ruas na ponta de uma lança. No total, morreram cerca de 100 populares e um guarda.

Winston Churchill e a Guerra dos Bôers

Contribuição do Dr. Frederico Euclides Aranha

A Fuga de Churchill

O apelido de Winston Churchill na imprensa inglesa era “Pushful Younger”; em tradução livre “O Jovem Ambicioso”. Com 25 anos, havia escrito três livros, sido eleito para o Parlamento e participado em quatro guerras em três continentes.

Quando a Inglaterra foi à guerra contra os Boers na África em 1899, confirmando o que ele sempre afirmava – “meus talentos literários não existem somente na minha imaginação” – o London Morning Post venceu dura concorrência por sua pena. Contratou-o por atuais US\$ 150.000 por quatro meses de trabalho – uma soma muito maior do que foi paga aos afamados Rudyard Kipling e Sir Arthur Conan Doyle por trabalho semelhante – cobrir a Guerra dos Boers.

Com seu mordomo e um estoque de bebidas que incluía 18 garrafas de uísque e outras de conhaque e licor, além da sua inseparável pistola Mauser modelo 1896, desembarcou em Capetown (Cidade do Cabo), em 1899. Poucas semanas depois da sua chegada embarcou num trem blindado carregado com tropas britânicas numa missão de reconhecimento. O trem foi emboscado pelos Boers e descarrilhou. Churchill passou a incentivar e comandar bravamente a resistência por mais de uma hora, permitindo que alguns soldados conseguissem escapar. Ele foi aprisionado e levado para a capital Boer, Pretoria, juntamente com os soldados sobreviventes.

Desde o dia da prisão, Churchill passou a planejar a fuga juntamente com dois outros prisioneiros que tinham um mapa e bússola. No entanto, os dois companheiros desistiram da fuga. Na noite de 12 de dezembro de 1899, Churchill iludiu a guarda, escalou os muros de 10 m de altura da prisão e escapou sozinho. Não tinha mapa, não falava a língua local e levava quatro barras de chocolate e um pacote de biscoitos, porém acreditava na sua capacidade super-humana de que poderia fazer uma jornada de mais de 480 km através de território inimigo, para chegar na via férrea que ia até Delloga Bay (Baía de Maputo), em Moçambique. Os Boers lançaram uma caçada maciça contra o jovem lorde que os havia humilhado.

Escondido durante o dia e viajando à noite, Churchill furtava comida e bebia água de córregos. Quase morto de fome, teve a sorte de bater na porta da cabana de um gerente de uma mina de carvão, John Howard, cidadão inglês. Ficou escondido vários dias no interior da mina até que John conseguiu enfiá-lo num trem de carga que o levou para liberdade. A viagem de trem foi outro desafio, pois teria de percorrer cerca de 500 km com pouco comida. Ele conseguiu chegar em Lourenço Marques, hoje Maputo, na África Oriental Portuguesa. A saga de Churchill foi cantada em prosa e verso na capital do Império, pois a Inglaterra, que estava perdendo a guerra, precisava de um herói.

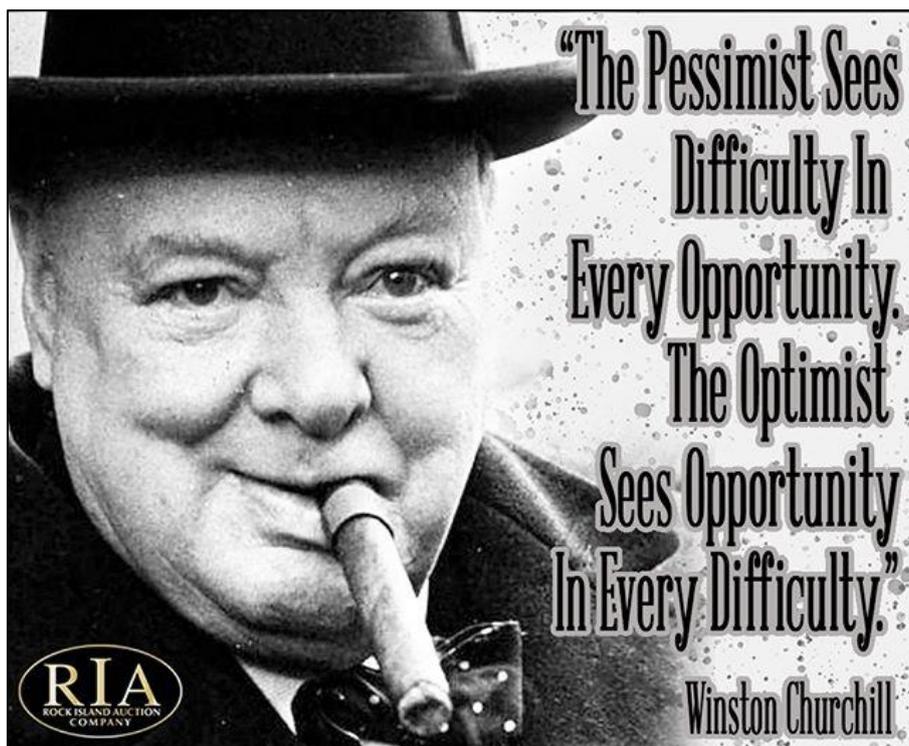
Alcançou finalmente a glória que perseguia, mas optou por continuar a cobrir a guerra e participar dos combates. Voltou à África do Sul de vapor, descendo a costa leste da África, chegando a Natal. Ali, apesar do oferecimento do Exército inglês, juntou-se a uma tropa de cavalaria sul-africana. Tomou parte na batalha de Spion Kop quando uma bala arrancou uma pena do seu chapéu. Quando Pretória caiu em junho de 1900, entrou na cidade a cavalo e liderou a libertação dos 180 soldados que haviam sido companheiros de prisão.

Churchill retornou à Inglaterra como um herói imperial, o que sempre havia perseguido. O restante é história conhecida.

PS. Havia rumores de que ele era agente do governo imperial. Ele sempre negou, o que não quer dizer nada.



Na página anterior, à direita: foto de 1900, após sua fuga.



"O pessimista vê dificuldade em cada oportunidade. O otimista vê oportunidade em cada dificuldade".

Leia o novo artigo do Cel Vogt "**A Persistência**" em

www.escritorcfvogt.blogspot.com.br

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.